

# MOMENTOS GRUPAIS E ELABORAÇÃO DRAMÁTICA

---

**ANTÓNIO ROMA TORRES**

COMUNICAÇÃO APRESENTADA NO III CONGRESSO PORTUGUÊS DE PSICODRAMA, Estoril, 13-15  
de Maio de 1994

oreno pôs grande ênfase na importância terapêutica do grupo. O seu conceito, talvez ainda não completamente compreendido, de catarse de integração é a este respeito significativo. Mesmo o termo psicoterapia de grupo teria sido cunhado por Moreno.

Todavia não dispomos ainda de uma teoria suficientemente desenvolvida sobre o processo de grupo num contexto terapêutico. Mesmo a sociometria tem por objecto como nos diz Anne Ancelin Schutzenberger o estudo das relações entre indivíduos.

Talvez por isso a psicodramatista francesa na sua conceptualização do «psicodrama triádico» veio a socorrer-se da dinâmica de grupo de Kurt Lewin. Lewin, se quisermos, na sua concepção gestáltica, antecipou-se ao pensamento sistémico ao considerar que um grupo não funcionava apenas como a soma dos seus elementos. E clarificou as características disfuncionais dos grupos em que se exercia uma liderança autocrática ou, no inverso, do tipo *laissez-faire*, com aumento da agressividade no seu seio, face à liderança democrática, que poderíamos considerar terapêutica.

Mas se alguns aspectos com que o terapeuta tem que lidar numa psicoterapia de grupo se podem formular em termos das suas regras de funcionamento, outra questão que se pode colocar é a da evolução do grupo: haverá fases típicas pelas quais passa necessariamente um grupo terapêutico?

Bion, que também pôs ênfase em algumas características globais do grupo, desenvolveu a ideia dos diferentes tipos de funcionamento do grupo segundo «assunções básicas» de dependência, luta-fuga e emparceiramento.

Essa formulação parece ter algum paralelo com os estádios que William Shutz considera no desenvolvimento do grupo:

- 1º) *In-out* – o estádio de dependência do terapeuta;
- 2º) *Top-bottom* – o estádio do conflito, ou da contradependência em que o terapeuta inevitavelmente decepciona o grupo;

3<sup>a</sup>) *Near-far* – o estágio da intimidade, em que o grupo mostra maior confiança e partilha.

A passagem por estas fases tem as suas dificuldades e geralmente os *drop outs*, que até certo ponto são inevitáveis por melhor que tenha sido feita a selecção dos pacientes e que seja o manejo do director, constituem o momento de maior crise e eventualmente desânimo no próprio grupo e ocorrem talvez com maior frequência na passagem do primeiro estágio para o segundo.

Mas trabalhando, como é usual, com um grupo aberto, em que vão saindo membros do grupo por conclusões de terapia ou por abandono, e outros vão entrando, pode dizer-se que raramente uma teoria do processo do grupo pode ser realmente útil. Os grupos não têm princípio, meio e fim.

Lembremos que o próprio Moreno desenvolveu mais uma teoria do momento terapêutico do que uma teoria do processo terapêutico, embora a descontinuidade em que se baseia ilude de certa maneira a continuidade que um grupo terapêutico pressupõe.

O psicodramatista brasileiro Vitor Dias deduziu da teoria do «Núcleo do Eu» de Rojas-Bermudez três fases do grupo que seriam a de ingeridor, de defecador e de urinador, com semelhanças evidentes com a sequência de estádios de William Schutz.

Se agora fizermos uma «aproximação» mais moreniana poderíamos deixar de lado o aspecto sequencial e considerar momentos grupais que o terapeuta deverá estar apto a observar e que poderão depender das características dos membros do grupo, eles próprios com predominância de determinado papel psicossomático, mas também do seu tempo de permanência no grupo e da dinâmica de interacção que nele manifestam. Assim consideraremos que o momento de urinador (a que, em desenvolvimento recentes das teorias de Bermudez e de Soeiro, associámos os papéis objecto, dormidor e respirador) é aquele em que a interacção é mais manifesta dentro do próprio grupo e não em relação ao director e há o clima adequado para a emergência de um protagonista e o consequente manejo terapêutico. Constituirá o momento óptimo da terapia uma vez que o papel psicossomático do urinador se tem associado à acção.

Mas haverá momentos em que o protagonista será todo o grupo, de tal maneira ganha relevo a dinâmica grupal, e isso habitualmente obriga ao uso de jogos dramáticos (que em todo o caso podem ser usados numa outra perspectiva como aquecimento para a emergência posterior dum protagonista).

O momento grupal de ingeridor ocorre quando é manifesta a dependência do grupo, a sua passividade, solicitando soluções ao próprio terapeuta. É um momento em que parece haver uma certa pressa, em que surgem muitas questões, mas frequentemente formuladas em termos de sintomas ou de reclamações em relação aos outros personagens do átomo social.

Quando o director identifica um momento grupal do tipo ingeridor a elaboração dramática ou o jogo que propõe poderá ser a «loja mágica» (jogo proposto pelo próprio Moreno em que se exige uma troca: cada elemento terá que dar alguma coisa sua para obter aquilo que deseja), ou a «jangada», ou as variantes «abrigo nuclear» ou o «vulcão» (jogos em que se dramatiza o não haver lugar para todos, ou seja, a insuficiência da terapia, apontando para soluções que passem pela própria iniciativa de cada elemento).

O momento grupal de defecador habitualmente polariza-se no comportamento depressivo, inibitório, «obstipado», ou no comportamento psicopático, transgressor, desorganizador, de desafio. Em qualquer dos casos será mais ou menos evidente o clima conflitual. A elaboração dramática destas situações poderá ser no primeiro caso através do jogo da «viagem espacial», ou as variantes da «jangada» ou do «paquete», em que o grupo se tem de confrontar com a passagem do tempo e com a geração de soluções no seu próprio interior; e no segundo caso recorrendo a jogos que qualificaríamos de regressivos como o do «infantário», em que solicitamos que se comportem como crianças, ou o dos «animais», em que é solicitado que cada um represente um animal.

No decurso da terapia de grupo o objectivo do director deverá ser o de trabalhar num registo em que prioritariamente possam ocorrer dramatizações centradas em um protagonista e isso será o corrente e o habitual, mas deverá ter-se em conta que em alguns momentos, mais frequentes quando da entrada de novos elementos, ou de algumas saídas significativas, ou no recomeço das sessões após intervalo de férias, ou mesmo sem alguma razão facilmente identi-

ficável, é a situação de dependência ou de conflito (que são os reversos grupais da onipotência e da impotência do director que em artigo anterior abordámos, segundo a concepção bastante moreniana do papel de Deus) que ocupam o centro da atenção e se não forem trabalhados dramaticamente podem constituir um obstáculo à terapia.

## FICHAS DOS JOGOS DRAMÁTICOS REFERIDOS

### 1) Loja Mágica

«O director representa no palco uma “Loja Mágica”. Ele próprio, ou algum membro do grupo escolhido por ele assume o papel de lojista. A loja está repleta de itens imaginários, de uma natureza não-física. Os itens não estão à venda mas podem ser obtidos por permuta, em troca de outros valores a serem entregues por membros do grupo, individualmente ou em conjunto. Um após outro, os membros do grupo oferecem-se para subir ao palco, entrando na loja em busca duma ideia, um sonho, uma esperança, uma ambição. Parte-se do princípio de que só fazem isso se sentem um forte desejo de obter um valor altamente apreciado ou sem o qual suas vidas pareceriam carentes de sentido.

Eis um exemplo: uma paciente depressiva, que foi admitida em 1948 após uma tentativa de suicídio, entrou na Loja Mágica, pedindo “paz de espírito”. O lojista, Justus Randolph, um jovem e sensível terapêuta, perguntou-lhe: “O que quer dar em troca disso? Você sabe que nada lhe poderemos dar se não estiver disposta a sacrificar alguma coisa”. “O que é que quer?”, indagou a paciente. “Há uma coisa pela qual muitas pessoas que vêm a esta loja anseiam” – respondeu o terapêuta – “a fertilidade, a capacidade de conceber filhos e a disposição para fazê-lo. Quer renunciar a isso?”. “Não, isso é um preço excessivamente alto. Então prefiro não ter paz de espírito”. Dito isto, a paciente saiu do palco e voltou à sua cadeira. O lojista atingira um ponto sensível.

Maria, a protagonista, estava noiva mas recusava-se a casar por causa de um arreigado medo ao sexo e ao parto. Suas preocupações fantasiosas envolviam imagens de violento sofrimento, tortura, morte, etc., durante o parto».

J. L. MORENO, in *Psicodrama*,  
Cultrix, São Paulo, pág. 35

## 2) Jangada

«A indicação dada ao grupo é a de que todos os integrantes do grupo são tripulantes de uma jangada que ficou à deriva: não se sabe em que momento pode chegar o socorro. O problema, o ponto conflitual, reside em que, supondo que são seis membros nesse grupo, só há lugar para quatro ou cinco. No caso de permanecerem os seis a jangada iria ao fundo e morreriam todos. Ante esta indicação poderia suceder que alguns integrantes do grupo não conseguissem subir para a jangada, ou que alguém ficasse fora sem se esforçar por entrar na jangada: isso poderia indicar que o sujeito não consegue valer-se na prática dos mecanismos capazes de evitar o seu fracasso, devido a uma espera de ajuda de certos aspectos parentais dos outros; num caso que recordamos, esta foi a conduta habitualmente posta em jogo em distintas áreas da vida real de um dos nossos pacientes. Este jogo, com o seu carácter perentório e dramático, serviu como detonante de uma crise de ansiedade que promoveu a revisão do dito modelo.

Outro emergente possível deste jogo seria aquele em que os integrantes do grupo, situados na jangada e enfrentando a necessidade de decidir qual deles se deve desprender, preferiram afogar-se todos. Nesse caso o jogo pode continuar no fundo do mar, explorando os sentimentos e fantasias dos recentes seis afogados, para conseguir uma melhor compreensão grupal do comportamento (solidário?, suicida?, resistente?) expressado colectivamente.

Uma alternativa distinta seria dada – durante a reflexão, a elaboração do sentido e vivido na zona lúdica pela aparição evidente do que poderíamos chamar uma sociometria psicodramática: o facto de que a maioria dos integrantes tivesse desejado que fosse especificamente um deles que ficasse fora da jangada. Talvez surgisse assim o que até esse momento tivesse permanecido oculto: a rejeição generalizada para a investigação de mecanismos maciços de projecção no seio do grupo».

E. GILI e P. O'DONNELL, in *El juego*,  
Gedisa, Barcelona, pág. 110-111

O «abrigo nuclear» ou o «helicóptero» que abandona uma ilha com um vulcão em erupção que a ameaça totalmente, em que a lotação seja inferior ao número de membros do grupo, são variantes, a considerar, deste mesmo jogo.

### 3) Viagem Espacial

«Todo o grupo deve construir uma «nave espacial» com os objectos disponíveis na sala, e iniciar uma viagem a um planeta desconhecido. Cada um escolhe antes um papel para desempenhar no jogo. A partir do momento em que a «viagem» tiver iniciado, todos poderão desempenhar o seu papel como quiserem, criando todas as situações livremente, usando para isso sua própria imaginação».

R. F. MONTEIRO, in *Jogos Psicodramáticos*,  
McGraw-Hill, São Paulo, pág. 47

A «jangada», sem limitação do número de membros, ou o «paquete» turístico, em que poderá surgir a escolha de papéis de tripulantes (em trabalho) ou de turistas (em férias), ou a «ilha do tesouro», com chegada a uma ilha deserta, poderão ser alternativas a este jogo.

### 4) Infantário

«Convidam-se os integrantes do grupo a formar com os seus corpos, sobre o chão, uma estrutura radial cujo centro será constituído pela confluência das cabeças. Diz-se-lhes que se tentem imaginar a cada um como crianças e que, à medida que lhes vá surgindo alguma imagem do outro como tal (como criança), a expressem em voz alta. Sugere-se, ainda, que cada integrante da roda procure tomar essa imagem, vê-la também, e na medida do possível, continuá-la. A proposta é que, desse modo, se vão constituindo imagens, de cada um dos membros do grupo como crianças, imagens que cada integrante tem dos outros. Este jogo, quando se produz uma boa interacção, quando efectivamente pode ser jogado, surge como uma associação livre e fluida de imagens, permanentemente realimentadas por novas imagens e sobreposições-transformações que cada membro vai agregando. Pode ter ou não uma segunda parte na qual o grupo, com as imagens incorporadas, como crianças, interactue sem mudar de posição, num plano exclusivamente verbal».

E. GILI e P. O'DONELL, in *El juego*,  
Gedisa, Barcelona, pág. 142-143

Uma variante do jogo será numa segunda fase a dramatização, como interacção de «crianças» num jardim infantil.

### 5) Desfile de animais

«Cada elemento, um de cada vez, deve andar em frente ao grupo por alguns minutos. Cada participante, observando, tenta imaginar o nome de um animal que mais se pareça com o jeito de andar, de se movimentar, de gesticular do seu companheiro».

R.F. MONTEIRO, in *Jogos Psicodramáticos*,  
McGraw-Hill, São Paulo, pág. 47

Podem ser pedidos solilóquios de cada «animal» no final, e a escolha de animais domésticos e selvagens pode aprofundar o tipo de participação de cada elemento no grupo, de forma semelhante à divisão de tripulantes e turistas do «paquete». Quando se pretende aprofundar a complementaridade dos integrantes do grupo pode optar-se pelo jogo do «corpo humano» ou do «automóvel», em que se sugere que cada um escolha uma parte de forma a que o grupo se aproxime do conjunto proposto.

### Bibliografia

- Bermúdez, J. G. R. (1984) – *Que es el Sicodrama?*, Celsius, Buenos Aires
- Bion, W. R. (1961) – *Experiences in groups*, Tavistock, London
- Bloch, S. (1979) – «Group psychotherapy», chap. 3 in Bloch, S. (ed), *An introduction to the psychotherapies*, Oxford University Press, Oxford
- Cukier, R. (1992) – *Psicodrama bipessoal*, Agora, São Paulo
- Gili, E; O'Donnell, P. (1978) – *El juego, tecnicas lúdicas en psicoterapia grupal de adultos*, Gedisa, Barcelona
- Monteiro, R. F. (1979) – *Jogos dramáticos*, McGraw-Hill, São Paulo
- Moreno, J. L. (1989) – *Psicodrama*, Cultrix, São Paulo
- Roma Torres, A. (1994) – «O papel de Deus como modelo do director de psicodrama», *Psicodrama*, 1, 33-40
- Roma Torres, A. (1994) – «Papéis psicossomáticos e modelo interaccional da psicopatologia», *Psicodrama*, 2, 13-20
- Schutz, W. C. (1958) – *Firo: a three-dimensional theory of interpersonal behaviour*, Rinehart, New York
- Schutzenberger, A. A. (1991) – *Le jeu de rôle*, ESF, Paris
- Soeiro, A. C. (1991) – *Psicodrama e psicoterapia*, Esher, Lisboa
- Vinogradov, S.; Yalom, I. D. (1992) – *Manual de psicoterapia de grupo*, Artes Médicas, Porto Alegre